

COMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS SOBRE OS ASPECTOS PEDAGÓGICOS DO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

INTRODUCTORY COMMENTS ON THE PEDAGOGICAL ASPECTS OF ST. AUGUSTINE'S THOUGHT

Ana Kelly Ferreira Souto Pinto¹
José João Neves Barbosa Vicente²

Resumo: Santo Agostinho, como se sabe, foi um filósofo cristão profundamente comprometido com as questões religiosas referentes ao cristianismo, mas também é preciso destacar que ele contribuiu substancialmente para a compreensão de diversos assuntos e temas relevantes e indispensáveis a todos nós, tornando-se assim, uma das figuras mais importantes do pensamento ocidental. Em um dos seus livros intitulado *O mestre*, não é difícil perceber, por exemplo, alguns aspectos pedagógicos desse pensador que merecem não apenas ser apresentados, mas também debatidos como uma contribuição importante para a compreensão do sentido e da função da educação. Neste artigo, no entanto, o objetivo não é discutir ou problematizar os aspectos pedagógicos do pensamento de Agostinho presentes em seu livro *O mestre*, mas sim apresentá-los e comentá-los de forma breve e introdutória, a partir de estudos realizados por alguns autores, pesquisadores e estudiosos da sua obra.

Palavras-chave: Agostinho. Linguagem. Ensinar e aprender. Interioridade. Mestre.

Abstract: St. Augustine, as it is known, was a Christian philosopher deeply committed to religious issues related to Christianity, but it is also important to highlight that he contributed substantially to the understanding of several subjects and themes that are relevant and indispensable to all of us, thus becoming one of the most important figures of Western thought. In one of his books entitled *The Master*, it is not difficult to notice, for example, some pedagogical aspects of this thinker that deserve not only to be presented, but also debated as an important contribution to the understanding of the meaning and function of education. In this article, however, the objective is not to discuss or problematize the pedagogical aspects of Augustine's thought present in his book *The Master*, but rather to present and comment on them in a brief and introductory way, based on studies carried out by some authors, researchers, and scholars of his work.

Keywords: Augustine. Language. Teaching and learning. Interiority. Master.

* * *

Santo Agostinho que, como observou Gilson (2006, p.17), “despertou para a vida filosófica lendo um diálogo de Cícero, atualmente perdido, o *Hortensius*”, é nas palavras de Matthews (2007, p.18), “o primeiro filósofo cristão importante”. Essa

¹ Doutoranda em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás e doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Goiás – UFG/Goiás. E-mail: anakellyferreirasouto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4736-1113>

² Professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: josebvicente@bol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6823-3933>

constatação, no entanto, não significa dizer que suas preocupações e produções intelectuais englobaram apenas questões religiosas. Apesar de ter sido um filósofo cristão profundamente comprometido com as questões religiosas referentes ao cristianismo, é preciso sublinhar que Agostinho contribuiu também substancialmente para a compreensão de diversos assuntos e temas pertinentes e indispensáveis a todos nós. Assim, pode-se dizer que esse ser humano que nas palavras de Brown (2020, p.25), “cresceria num mundo duro e competitivo”, se tornou uma das figuras mais importantes do pensamento ocidental. No que diz respeito ao tema da educação, por exemplo, é possível encontrar em seus escritos alguns aspectos pedagógicos importantes capazes de contribuir efetivamente para pensar a questão educativa e refletir sobre assuntos como linguagem, ensinar, aprender e também sobre a figura do “mestre” ou educador. Portanto, a “História da Educação”, como observou Melo (2010, p.410) “não foi apenas contemplada com a fecundidade e a originalidade” do “ideário pedagógico” de Agostinho, “mas também com suas qualidades de educador – atividade que, segundo seus biógrafos, ele desempenhou com excelência”. Assim, apesar de ser verdade que escrever sobre o seu pensamento, como disse Kruse (1955, p.101), “não é tarefa fácil”, principalmente porque ele não segue “nem sistema, nem método, propriamente ditos, que facilitariam a apresentação de suas ideias”, vale a pena, no entanto, um esforço no sentido de compreender o seu pensamento e suas ideias; afinal, não se pode esquecer que a contribuição de Agostinho é enorme e abrange vários assuntos e temas. E em relação à educação propriamente dita, é preciso lembrar, como destacou Topping (2012, p.1), que ele contribuiu para a construção do pensamento educativo do Ocidente. E nunca é demais lembrar também que “até o século XIII”, como disse Nunes (1979, p.5), “a orientação educacional da Idade Média foi visceralmente agostiniana”. *O mestre* (2008), por exemplo, é um dos livros de Agostinho onde é possível encontrar, de fato, alguns aspectos pedagógicos do seu pensamento que merecem ser comentados e apresentados, ainda que de modo introdutório, a partir dos estudos e leituras de alguns estudiosos e pesquisadores.

De acordo com observações de Ribeiro (2011, p.37), o livro *O mestre* de Agostinho, “ilustra um momento” em que ele “assume o papel de professor frente a Adeodato”. Mas é preciso destacar também que ao assumir “o papel de professor” em seu diálogo com Adeodato, Agostinho faz uma distinção fundamental em seu livro: ele distingue, como destacaram Mooney e Nowacki (2011, capítulo 2.1), “o professor exterior (um ser humano)” do “professor interior, que é Cristo, a Palavra de Deus

iluminando a alma humana”; ou em outras palavras, ele distingue “o mestre exterior” do “mestre interior”. E em termos gerais, “a educação” surge para Agostinho, como assinalaram Souza e Pereira Melo (2009, p.2467), “como uma peregrinação do homem exterior ao homem interior”, um processo que pode conduzi-lo “à contemplação de Deus e, em consequência, desfrutar da felicidade eterna”. Apesar dessa característica presente nos aspectos pedagógicos do pensamento de Agostinho, não se pode deixar de constatar que, de um modo geral, o ensino, bem como o papel da linguagem no processo de aprendizagem como abordados por ele em seu livro *O mestre*, se encontram basicamente associados ao “mestre exterior”, mas ciente de que a “instrução” desse mestre, como sublinhou Sales (2021), “vale pouco sem o auxílio do mestre interior”; ou seja, a ação de ensinar executada pelo “mestre exterior”, somente provoca aprendizagem, de fato, com o auxílio do “mestre interior”. No “homem”, como disse Garcia (1990, p.44) existe “o princípio natural da Ciência, colocado por Deus – Mestre principal”, a função do “mestre humano” é guiar “o discípulo no desenvolvimento desse princípio”. O mestre humano, portanto, no contexto da educação como concebida no livro *O mestre*, não pode ser mais do que um guia.

O mestre é um livro escrito por Agostinho em uma fase de sua vida que pode ser denominada ou descrita de “intermediária” e ocorreu em uma época considerada de “ouro” da patrística, como destacaram alguns estudiosos desse período. Nesse livro, onde Agostinho realiza um diálogo profundo e cuidadoso (nos moldes dos diálogos socráticos dos textos de Platão) com Adeodato, seu filho, é possível encontrar não apenas um caminho capaz de possibilitar a compreensão do processo educativo no contexto da filosofia patrística propriamente dita, mas também elementos consistentes que podem contribuir para provocar reflexões e debates sobre o processo educativo na atualidade. Ao dialogar com Adeodato, Agostinho não se coloca apenas na condição de pai, mas também na condição de personagem do seu livro *O mestre* e, principalmente, na condição de educador ou professor. Portanto, apesar de ser um diálogo entre pai e filho, o livro *O mestre* precisa ser visto e entendido para além dessa relação; ele consiste essencialmente, como observou Santos (2010, p.5), “na ligação e relação de um mestre e um discípulo, e na relação existente entre ensinar e aprender. Este ensinar será referente ao mestre e o aprender ao discípulo”. O mestre no contexto do livro é o próprio Agostinho, o discípulo é Adeodato; essa observação, no entanto, não significa dizer, em hipótese alguma, que o discípulo necessariamente pensa ou fala de modo absolutamente diferente do mestre. De acordo com Santos (2010, p.5), apesar dos seus

15 anos de idade, é preciso lembrar que Adeodato “era dotado de uma inteligência fora do normal”. Assim, o diálogo sobre a linguagem e sobre “tudo o que dela faz parte” realizado por Agostinho e Adeodato no livro *O mestre*, além de colaborar para conduzir o discípulo (Adeodato) a “recordar” das verdades, ele traz também para reflexão e discussão temas pedagógicos fundamentais que giram não apenas em torno do significado do “mestre”, mas também que se preocupam com questões educativas imprescindíveis e indispensáveis como, por exemplo, o “ensinar” e o “aprender”.

Agostinho inicia o seu livro *O mestre* perguntado para o Adeodato sobre o que ele acha “que almejamos quando falamos” (AGOSTINHO, *O mestre*. I, 1). Ao fazer essa pergunta ao Adeodato, Agostinho não busca simplesmente uma mera resposta, seu objetivo é mais ambicioso e profundo; pretende colocar em discussão o tema da linguagem, no intuito de saber, de fato, o que uma pessoa no ato de falar quer efetuar ou tocar no outro, que tipo de efeito ela quer produzir ou qual a finalidade pretende alcançar de imediato quando ela fala. A resposta de Adeodato para essa indagação de Agostinho é a seguinte: quando falamos “pretendemos ensinar ou aprender” (AGOSTINHO, *O mestre*. I, 1). Ou seja, para Adeodato, aquele que fala tem sempre a pretensão ou a intenção de ensinar ou apreender algo; Agostinho, por sua vez, não nega a possibilidade de alguém querer ensinar quando fala, mas duvida que uma pessoa quer aprender quando fala. Pode parecer óbvio que ao falar pretende-se aprender, como por exemplo, quando em uma sala de aula uma pessoa faz perguntas ao professor. Ou seja, de um modo geral, em uma sala de aula quando um aluno pergunta algo ao professor sobre o conteúdo da matéria em pauta, entende-se que ele pretende ou almeja aprender algo sobre o assunto. Para Agostinho, no entanto, quem pergunta nessa situação, necessariamente não está aprendendo, mas sim explicando ou ensinando ao professor a sua dúvida; o aprendizado só acontece, de fato, de acordo com a perspectiva agostiniana, a partir do momento que aquele que pergunta ouve a resposta do professor referente ao questionamento que fez. É por isso que a educação baseada no diálogo é fundamental, isso está claro desde Sócrates que, como observou Vicente, (2017, p.24; 2016, p.18), além de ser “um exemplo da vida ética” é, também, um pensador para quem o diálogo é o melhor caminho “para se buscar o conhecimento”. Na educação baseada no diálogo, quem fala ensina e quem ouve aprende; e como aqueles que dialogam falam em um determinado momento e no outro ouvem, isso significa dizer que todos aqueles que dialogam aprendem e ensinam. Como um platônico que era, apesar de não aceitar a “teoria de reminiscência”, porque como cristão, de acordo com

observações de Abbagnano e Visalbergid (1981, p.175), não podia admitir que a alma “tenha contemplado as ideias numa vida anterior”, Agostinho acredita que, além de ensinar, a fala também tem a função de recordar; portanto, quando uma pessoa fala, ela quer essencialmente ensinar ou recordar. Isso está claro em seu diálogo com Adeodato, principalmente quando diz: “já de início ponho duas razões do falar: ou para ensinar ou para suscitar recordações nos outros ou em nós mesmos” (AGOSTINHO, *O mestre*, I, 1). Ao falar, portanto, uma pessoa pode ensinar ou recordar algo, mas é preciso ressaltar que, para Agostinho, quando uma pessoa pergunta ou interroga, seu objetivo é que o interrogado aprenda o que ela quer.

Agostinho, na verdade, ao longo do seu livro *O mestre*, ao colocar em pauta o tema da linguagem, especialmente a “linguagem verbal”, ele busca discuti-lo ou analisá-lo a partir de vários ângulos e leva em consideração os vários processos que a fala sofre. Como destacou Santos (2010, p.6), em seu diálogo com Adeodato, Agostinho reflete “sobre o tema da linguagem verbal” e explica “o longo processo que a fala sofre até que finalmente é soletrada pelo humano”; e ao explicar uma essência mais profunda da linguagem”, ele explica “os vários processos” que ela “sofre”. De um modo geral, em *O mestre*, Agostinho e Adeodato dialogam sobre o que uma pessoa almeja quando fala e concluem que o objetivo é “ensinar” ou “recordar”; e quando uma pessoa faz uma oração, as palavras têm como objetivo ensinar outras pessoas ou então adverti-las, mas também podem ser uma advertência para a própria pessoa que ora. Ainda nesse diálogo, é possível perceber que, para Agostinho, as palavras são “signos”, assim como “os gestos”. O diálogo procede e outras conclusões aparecem como, por exemplo, um signo pode significar uma palavra e vice-versa. Entre essas várias questões tratadas por Agostinho, é possível destacar, de acordo com as observações de Pereira, Bordim e Massuda (2019, p.103), pelo menos duas que se relacionam “ao processo de ensino-aprendizagem: o que ensinar e como ensinar. Soma-se a isso também, a clareza quanto ao para quem ensinar”. Ainda de acordo com esses(as) autores(as), nos temas analisados por Agostinho em seu livro *O mestre*, “é possível deduzir uma série de ações pedagógicas que dão luzes à relação ensino aprendizagem” como, por exemplo, a ênfase e, principalmente, “a importância de se conhecer os sinais e as palavras, para que eles possam ser utilizados adequadamente no ato de ensinar”, especialmente porque se uma pessoa pretende “ensinar” ou “recordar” quando fala, isso significa dizer que a “linguagem” nesse caso “se torna instrumento para a instrução”. Em termos pedagógicos, também é importante levar em consideração as noções de “palavras”,

“gestos” e “sinais”, como aparecem no diálogo realizado entre Agostinho e Adeodato, sobretudo se Agostinho pretende “dizer que a razão de ser dessas noções se justifica na condição de elas serem portadoras de significância ou significado”. Portanto, se é isso, de fato, que Agostinho pretende dizer, então não há dúvida de que essas noções podem sim ser “relacionadas à ação pedagógica”. Essas observações e constatações feitas em relação ao diálogo realizado no livro *O mestre*, parecem reforçar não apenas a ideia da importância dos aspectos pedagógicos do pensamento de Agostinho, mas também a necessidade de discuti-los de modo amplo e profundo no campo da educação.

Em Agostinho, falar de ensinar e aprender é, também, certamente, falar de “mestres”. É claro, não os mestres que coagem ou sufocam seus discípulos ou que simplesmente não se interessam em revelar a importância do conteúdo ensinado e, além disso, acreditam que são eles quem, de fato, “passa” o “saber” ao discípulo. Os verdadeiros “mestres” são aqueles que, mesmo sem qualquer pretensão de ensinar, o indivíduo aprende com eles; são “mestres” que guiam seus discípulos, não impõem sobre eles seus princípios, ideais e crenças sobre; valorizam “o pensamento interior” de cada discípulo e respeitam a necessidade de cada um de estar consigo mesmo para refletir; são, portanto, “mestres” que valorizam, acima de tudo, a capacidade de pensar de cada indivíduo e conseguem entender que conhecimento não é algo pronto, mas consiste fundamentalmente na busca. Essa busca de conhecimento, de acordo com Agostinho, não procede de forma desordenada ou sem objetivo, ela precisa conduzir o indivíduo não apenas a contemplar o mundo, mas também a considerá-lo corretamente. Mas, para que isso aconteça, de fato, é preciso que cada um seja guiado através de boas leituras e orientado no caminho da perfeição, isto é, para dentro de si mesmo. O mundo ao qual Agostinho se interessa, não é necessariamente o mundo tal como aparece para cada um de nós, este mundo é, para ele, simplesmente um degrau, um passo para a busca do conhecimento. Mas, o que é ensinar para Agostinho? O que os verdadeiros mestre ensinam aos seus discípulos? Em primeiro lugar é preciso entender que, para ele, “uma coisa é ensinar e outra é significar”; além disso, é preciso que fique claro também que “nada se ensina sem sinais” (AGOSTINHO, *O mestre*, X, 30). Mas, se uma pessoa pretende “aprender” o “significado” de um sinal, não pode ser por meio de outro sinal, porque como observou Porto (2006, p.18), em termos agostinianos, “os sinais, em si mesmos, não possuem significado, apenas indicam algo”. Ainda de acordo com as observações de Porto (2006, p.18) a respeito dessa questão em Agostinho, “aprendemos o significado das palavras quando nos é indicado o que uma palavra significa. Um dos

modos de fazer isso é *apontar* para um objeto e dizer o seu nome”. Além de não ser possível ensinar sem sinais, em suas afirmações, Agostinho, como assinalou Gottschalk (2020, p. 3), diz que “toda palavra é um sinal, e como sinal deve se referir a algo no mundo. O significado de um sinal não pode ser outro sinal, mas sim a própria coisa designada pela palavra”. Ainda em termos agostinianos, com as coisas é possível aprender as palavras, mas não se aprende as coisas com as palavras: “quando um sinal” é apresentado a uma pessoa e ela simplesmente não sabe “de que coisa ele é sinal”, este não tem condições de ensinar-lhe absolutamente nada (AGOSTINHO, *O mestre*, X, 33). De um modo geral, no ato de ensinar, não se pode deixar de se esforçar no sentido de buscar em cada palavra o seu objeto correspondente, mas também não se pode esquecer que para aprender é preciso crer e quando algo é inteligível pode ser contemplado interiormente; e “aquele que pode enxergar interiormente é discípulo da verdade e, exteriormente é juiz de quem fala ou, antes, de suas próprias palavras” (AGOSTINHO, *O mestre*, XIII, 41).

Em Agostinho, parece existir indícios de que é possível aprender por si próprio; ou seja, parece que, de acordo com os aspectos pedagógicos do seu pensamento, uma pessoa pode aprender através da sua própria descoberta. No entanto, quando se analisa suas ideias com atenção e cuidado, percebe-se que esse tipo de aprendizado se torna algo difícil e quase impossível para o indivíduo; essa dificuldade não resulta por causa da incapacidade do indivíduo e nem por falta de forças, mas sim devido às consequências do pecado que, em essência, se tornam entraves para que ele possa, de fato, sozinho manter sua vontade sob à luz da razão. É por isso que, para Agostinho, quando o assunto é ensinar, os “mestres” não podem ser dispensados. Todos podem e devem buscar o conhecimento, mas essa busca pode muito bem ser conduzida pelos verdadeiros “mestres”, para que o conhecimento possa ser, de fato, alcançado; em outras palavras, para que o discípulo possa entender que “a verdade está presente em sua alma”. Os verdadeiros mestres, portanto, exercem sua função no sentido de explicitar essa verdade na “alma” do discípulo, para que ele a enxerga com clareza. Esses “mestres” certamente mantêm a relação intrínseca “entre ensino e aprendizagem”, conforme o entendimento de Agostinho. Essa relação, como destacou Ribeiro (2011, p. 59), admite, por exemplo, “que nem só o ato de aprender pressupõe o ensinar, mas igualmente o ensinar pressupõe o aprender”. Isso significa dizer em outras palavras que, “quem ensina, ensina a alguém que aprende. O que aprende, o faz a partir de alguém (ou algo) que necessariamente ensina”. Ainda de acordo com os destaques de Ribeiro (2011,

p.59), na perspectiva agostiniana, “ensinar e aprender” surgem como “dois momentos que se relacionam de modo intrínseco, e a dialética detém sua importância justamente por ensinar tanto um quanto outro”. E isso não se confirma apenas por meio de uma “análise teórica” do livro *O mestre*, mas também através do seu “método” baseado no “diálogo” e inspirado em Sócrates “para estimular Adeodato à reflexão”. Para Agostinho, para se alcançar o conhecimento, não se pode dispensar, por exemplo, a linguagem, os sinais e nem a observação do mundo, mas não se pode esquecer, em hipótese alguma, que é também por meio do “retorno à interioridade” que o indivíduo verdadeiramente alcança o conhecimento. Isso está evidente em sua própria “teoria de iluminação” onde se pode perceber, como assinalaram Abbagnano e Visalbergid (1981, p.175), que “o conhecimento de qualquer verdade nova implica não só determinados sinais ou palavras que o ocasionam, mas também uma intervenção divina direta e efetiva que em nós se realiza como iluminação íntima”. Para Agostinho, portanto, o ser humano não precisa sair de si para alcançar a verdade, porque ela se encontra no seu “interior”,

Se a “verdade” está presente no “interior” de cada ser humana, ele precisa apenas olhar para dentro de si, ou como disse Agostinho, ele precisa apenas “voltar” para o seu “interior” e encontrá-la. É importante, no entanto, que cada ser humano entenda que, quando Agostinho diz que a “verdade está no homem”, isso não significa dizer, por exemplo, como sublinharam Abbagnano e Visalbergid (1981, p.171), que a verdade “é o homem” ou que ele se iguala a essa verdade; ela está nele, mas ela não é ele. A verdade é, nesse caso, “superior ao homem”; e se ele quer, de fato, encontrá-la, “deve transcender-se a si próprio”. Encontrar a verdade requer ser guiado por um “mestre” capaz de criar condições propícias para que isso aconteça. Esse mestre, no entanto, agiria auxiliado pelo “Mestre Interior”; sem o auxílio deste “Mestre”, o aprendizado simplesmente não acontece. Para Agostinho, o verdadeiro “Mestre”, isto é, o “Mestre de todos”, não está na terra, mas sim no céu. Assim, para ele, a Verdade não é apresentada ao indivíduo pelo “mestre exterior” ou mestre humano, mas sim pelo “Mestre interior” como uma graça concedida a ele. Afinal, como já foi dito anteriormente, não há aprendizado sem a interferência do “Mestre interior” que, além de ser o único que verdadeiramente ensina, também é o único que, de fato, se encontra permanentemente à disposição de todos os seres humanos. E como observou Melo (2015, p.85), para Agostinho, “à medida que vai conhecendo Deus, o autêntico e verdadeiro Mestre interior, o homem vai alimentando-se Dele”. Fica assim evidente

que, nos aspectos pedagógicos do pensamento de Agostinho, “o conhecimento”, ainda de acordo com as considerações de Melo (2015, p.87), “não tem um caráter exterior”; trata-se, portanto, de algo que “resulta” por meio “de uma busca na interioridade. O encontro com a Verdade tem como pressuposto que a alma se volta para si mesma, perfazendo um percurso do exterior para o interior”. É por isso que o mestre exterior ou o mestre humano, não é quem verdadeiramente ensina, mas sim alguém capaz de colaborar para que o discípulo consiga olhar para a direção certa e alcance o conhecimento; afinal, quem pretende frequentar uma “escola para saber o que pensa o mestre?” (AGOSTINHO, *O mestre*, XIV, 46). O que, de fato, uma pessoa pretende quando frequenta uma escola, não é saber como o seu “mestre” ou o seu professor pensa e nem quais ideias ou posições ele defende, mas sim se as coisas que ouviu dele são “verdadeiras”, ou em outras palavras, se as coisas que ele disse são verdadeiras e confiáveis; além disso, ela pretende também contemplar “aquela verdade interior segundo as próprias forças” (AGOSTINHO, *O mestre*, XIII, 41). É isso, portanto, que importa e traz felicidade para aqueles que aprendem. O mestre humano definitivamente não é Deus, mas pode exercer um ato divino ao conduzir corretamente o discípulo na direção do objeto, sem almejar ou tentar substituir a visão do discípulo pela dele.

O mestre humano só precisa, portanto, desempenhar efetivamente sua função que, necessariamente não consiste em ensinar propriamente o seu discípulo, mas sim conduzi-lo com todos os cuidados e atenção possíveis na busca do conhecimento em seu interior e contemplar a verdade. Pode-se dizer, utilizando aqui as palavras de Abbagnano e Visalbergid, (1981, p.176), que quando o mestre humano desempenha sua função corretamente, “ele realiza-se a si próprio no amor com que se adapta ao educando, com que desce ao nível da sua compreensão”. Aquele que, no ato de educar age corretamente, não apenas educa o outro, mas também educa e aperfeiçoa “a si próprio”; isso acontece principalmente “porque as velhas noções tornam-se novas para aqueles que as ensinam com real interesse, com sincera dedicação”. Aquele que ensina e consegue “despertar interesse e admiração” naquele que aprende, também desperta interesse e admiração nele mesmo, ele também se sente renovado e enxerga “coisas novas. E quase acontece que aquele que ensina aprende com quem aprende”. A forma como Agostinho enxerga a questão do ensino e aprendizagem, tem como propósito estimular cada ser humano a descobrir sua própria interioridade. De acordo com observação de Perissé (2018), Agostinho “deseja, nada menos, que exercitemos a mente a fim de buscar a vida venturosa”. É por isso que para o indivíduo aprender, além do

mestre exterior, ele precisa também do “Mestre interior”, ele precisa da sua luz que, em termos agostinianos, é a fonte suprema de todo o conhecimento; afinal, para Agostinho, como disse Porto (2006, p.19), “nossa mente já contém o significado das palavras, a saber: as coisas às quais elas se referem”; e Cristo “é quem fornece a verdade à nossa mente”. Portanto, quando se trata de educação e do conhecimento, Agostinho enfrenta, ainda de acordo com observações de Porto (2006, p.19-20), um “dilema” parecido com aquele “enfrentado” anteriormente por Platão, mas os dois diferem na “solução” encontrada para esse dilema: para Platão, é a “*rememoração*”; para Agostinho, é “a *inspiração divina* o que dará a base para o nosso conhecimento”. Mas, em relação à “função do professor”, os dois pensadores estão de acordo que ela não consiste em “transmitir conhecimento”, mas sim em “conduzir o aluno na descoberta do conhecimento que está latente em seu interior”. Em Agostinho, portanto, no processo educativo, não há professor ou “mestre” capaz de transmitir o conhecimento ao seu aluno ou discípulo, mas apenas colaborador que o conduz a alcançar o conhecimento presente em seu próprio interior.

De um modo geral, todo o aspecto pedagógico do pensamento de Agostinho consiste, portanto, em despertar o educando para a “verdade”; ou em outras palavras, em conduzi-lo à descoberta dessa verdade em seu próprio “interior”. Por isso, para ele, “o mestre”, como assinalou Cambi (1999, p.137), é “sobretudo um mestre interior, do qual Cristo é o símbolo. Aprender é operar esse despertar, seguindo o mestre espiritual, que ilumina com as verdades universais”. Ao professor ou “mestre exterior”, cabe a tarefa, não apenas de guiar ou conduzir o educando ou discípulo rumo à descoberta da verdade interior, mas também de entender que ninguém alcança e entende essa verdade sem o auxílio do “Mestre” interior. É por isso que, como disse Bornhein (1972, p.17), “o conceito de *iluminatio* é de extrema importância na compreensão do pensamento agostiniano”. É, na verdade, a “iluminação” que “possibilita toda a verdade, toda *episteme*”. Nesse sentido, o educador precisa, portanto, estar ciente do lugar onde se encontra a “verdade” e do caminho para chegar até ela; “ao que chama professor”, como observou Moura (2013, p.150-151), “dirige a tarefa de apresentar palavras e sinais, incitando o homem a se voltar a Deus para aprender”. A educação em Agostinho dirige-se ao “interior” do ser humano; seu sentido, de acordo com Melo (2010, p.414), é “de santificação, de aproximação do homem com Deus”. Essa aproximação, no entanto, não acontece simplesmente ouvindo uma determinada pessoa, porque em termos agostinianos, como observaram Melo e Salinas (2013, p.194), “palavras por si só nada

dizem”; é preciso que o indivíduo consulte o seu “interior” para que encontre “a compreensão, pelo mestre que ensina”. Em seu livro *O mestre*, Agostinho deixa claro que o verdadeiro mestre não são os homens, mas sim Cristo. Nesse sentido, ao professor ou mestre humano, cabe a tarefa de apontar o caminho que leva à verdade ou provocar a sua busca. E se ele, de fato, cumprir o seu papel corretamente, essa verdade será mostrada ou revelada ao indivíduo pelo “Mestre interior” que é Cristo. Portanto, de acordo com Agostinho, não são as palavras de um educador humano que verdadeiramente ensinam, mas sim o “Mestre” interior. Como disse Gilson (2006, p.154-155), “para tudo o que aprendemos, temos apenas um mestre: a verdade interior que preside a alma, ou seja, o Cristo”. E graças a esse “Mestre”, a verdade encontra-se permanentemente ao “alcance” de todos os seres humanos; o que cada um de nós precisa fazer é apenas prestar “atenção” aos seus ensinamentos.

Referências

- ABBAGNANO, N; VISALBERGID, A. *História da pedagogia*. Trad. Glicinia Quartin. Lisboa: Editorial Gleba / Livros Horizonte, 1981.
- AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O Mestre*, trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus (Coleção Patristica), 2008.
- BORNHEIN, G. *Metafísica e finitude*. Porto Alegre, RS: Movimento, 1972.
- BROWN, P. *Santo Agostinho: uma biografia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencine. São Paulo: UNESP, 1999.
- GARCIA, A. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. São Paulo: Loyola, 1990
- GILSON, E. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.
- GOTTSCHALK, C. M. C. Uma reflexão sobre o sentido linguístico rumo a uma pedagogia de inspiração wittgensteiniana. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, e106761, 2020.
- KRUSE, B. O ensinar e aprender em o “De Magistro” de Santo Agostinho. *Paideia*, p.101-144, 1955.
- MATTHEWS, G. B. *Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MELO, J. J. P. Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino. *Educação e Filosofia*, v.24, n.48, p.409-434, jul/dez, 2010.
- _____. Santo Agostinho e o problema da aprendizagem humana. *Imagens da Educação*, v. 5, n. 1, p. 82-94, 2015.
- MELO, J. J. P.; SALINAS, W. R. A educação agostiniana: princípios e aplicação. *Revista Educação e Linguagens*, v. 2, n. 2, p.189-201, jan./jun. 2013.
- MOONEY, T. B.; NOWACKI, M. (Ed.). *Understanding Teaching & Learning: Classic Texts on Education by Augustine, Aquinas, Newman and Mill*. Charlottesville: Imprint Academic, 2011.
- MOURA, R. S. Breve estudo de uma perspectiva de educação medieva. *Revista Esboços*, v. 20, n. 30, p. 141-159, dez. 2013.

- NUNES, R. A. C. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: USP, 1979.
- PEREIRA, J. A.; BORDIM, R. A.; MASSUDA, E. M. Educação e conhecimento em Santo Agostinho: traços constitutivos da subjetividade. *Revista Valore*, Volta Redonda, 4 (Edição Especial): 94-107, 2019.
- PERISSÉ, G. *Introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Autêntica, 2018.
- PORTO, L. S. *Filosofia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- RIBEIRO, M. O. A primazia da realidade: uma análise pedagógica do *De magistro*, de Agostinho. *Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS*, VII Edição, 2011. Disponível em: https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/edicao7/Marcelo_Ribeiro.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.
- SALES, A. P. *Santo Agostinho: Educação e Teologia*. Maringá: Viseu, 2021.
- SANTOS, J. T. C. *Da linguagem agostiniana: em busca do Mestre Interior*. Covilhã: LUSOSOFIA, 2010.
- SOUZA, M. R.; PEREIRA MELO, J. J. A educação em Santo Agostinho: processo de interiorização na busca pelo conhecimento. *IX Congresso Nacional de educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*, PUCPR, 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1937_1302.pdf> Acesso em: 03 set. 2021.
- TOPPING, R. *Happiness and Wisdom: Augustine's Early Theology of Education*. Washington, D.C. The Catholic University of America Press, 2012.
- VICENTE, J. J. N. B. *Pensando a educação com Sócrates, Platão e Rousseau*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.
- _____. *Ética: a vida sem máscaras*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

Recebido em: 14/09/2021

Aprovado em: 02/11/2021